



Manfred von Richthofen



O Barão Vermelho

J. Eduardo Caamaño

## Um dia para lembrar

“Aqui jaz um valente, um nobre adversário e um verdadeiro homem de honra. Que descanse em paz.”

**Epitáfio da sepultura de Manfred von Richthofen na França**



**Reverendo George H. Marshall liderando o cortejo de Richthofen.**

Vaux-Sur-Somme, França. 21 de abril de 1918.

Bertangles é um pequeno vilarejo situado cinco quilômetros ao norte da cidade de Amiens, no nordeste da França. Sua população, composta por pouco mais de trezentos habitantes, vive basicamente da agricultura e da criação de gado. Durante os anos em que a França esteve submetida ao assédio dos alemães, seus habitantes tentaram (dentro de suas possibilidades) prosseguir com a rotina diária, tal como faziam antes da guerra. De fato, o vilarejo de Bertangles não protagonizou nenhuma grande batalha da Primeira Guerra Mundial, ao contrário de outras cidades vizinhas, como Arras, Albert ou Cambrai, que tiveram grande parte de suas casas destruídas e muitas de suas famílias destroçadas. As residências de Bertangles ainda conservavam seus telhados intactos, as ruas limpas e os campos livres das crateras provocadas pelas terríveis bombas que aterrorizavam a região, deixando grandes destroços. De toda forma, por muito que se esforçassem, a boa e pacata gente da cidade não conseguiria manter seu sagrado cantinho no anonimato por muito tempo.

Antes de situar Bertangles no mapa da nossa história, teremos que retroceder 24 horas no tempo e nos trasladarmos para Vaux-sur-Somme, a 25 quilômetros de distância de Bertangles. Eram onze da manhã quando, inesperadamente, um peculiar avião de três asas superpostas surgiu no horizonte, voando de forma irregular e, ao que tudo indicava, procurando uma zona livre para aterrissar. Depois de tocar no solo de forma um pouco desastrada, a hélice parou de girar e a poeira da terra baixou lentamente, revelando a identidade daquela inesperada aeronave. Seu único tripulante continuava no assento, imóvel, sem esboçar nenhuma reação ou qualquer outro sinal de vida. Aparentemente, seu único objetivo naquele momento era tocar os verdes prados daquela terra e esperar que alguma alma caridosa se aproximasse, tivesse piedade e lhe proporcionasse um definitivo descanso, porque, na realidade, aquele pobre homem já estava morto.

Escassos minutos depois de aterrissar, o avião foi cercado por soldados australianos disputando algum objeto entre os destroços que servisse de lembrança daquele combate que tinham acabado de testemunhar. Nas batalhas empreendidas na Primeira Guerra Mundial havia o costume bastante difundido entre os soldados de tentar conseguir qualquer objeto que pertencesse ao inimigo abatido, como se se tratasse de um troféu de caça. Na maioria das vezes, suas vítimas eram soldados comuns, que costumavam carregavam itens de pouco valor. Às vezes a sorte permitia abater um tenente ou capitão, melhorando substancialmente a possibilidade de obter um espólio mais valioso. O alvo daquele dia era um piloto de combate, e sua aeronave oferecia uma ampla variedade de “prêmios” interessantes: as pás da hélice, o motor, algum instrumento do painel ou inclusive as metralhadoras poderiam se converter em peças muito bem cotadas pelos caçadores de troféus. Além disso, aqueles soldados sabiam que não estavam diante de um avião qualquer, e por essa razão o espólio teria um valor especial. Tratava-se de um Fokker triplano que tinha uma característica especialmente chamativa: estava todo pintado de vermelho.

No dia seguinte nos encontramos outra vez em Bertangles, aquele vilarejo citado no começo da nossa história, cujos habitantes se esforçavam por manter longe de qualquer protagonismo. Entretanto seus esforços foram em vão. Bertangles não só passou a ocupar a manchete de todos os jornais do mundo como também conquistou um lugar de destaque nos livros de história, ainda que contra a vontade de seus habitantes. Eram 5h da tarde, e um dos moradores, um simples agricultor, Jean Justini, se aproximou da estrada que conduz ao cemitério municipal, atraído por um estranho

movimento de militares e veículos que interrompiam a passagem do gado. Justini costumava levar seus bois para pastar nos prados da região, sempre e quando as condições impostas pela guerra permitiam. Porém, desde que acordara, logo após o nascer do sol, o humilde agricultor tinha notado certa tensão no ambiente. Ao aproximar-se, identificou um grupo de soldados britânicos do 3º Esquadrão carregando grandes coroas de flores com as cores do império alemão, enquanto outro grupo acomodava cuidadosamente um caixão sobre a caçamba de um caminhão Crossley Tender, convertido provisoriamente em carro fúnebre.

Soldados da infantaria acompanhados por outros habitantes do vilarejo formaram um séquito e seguiam a passos lentos em direção ao campo santo, enquanto os integrantes do corpo aéreo australiano se alinhavam em duas filas paralelas para render honras ao defunto, com seus fuzis invertidos em sinal de respeito. Justini decidiu então seguir a procissão, alimentado pela curiosidade de descobrir quem era o protagonista de tão solene cerimônia. Na entrada do cemitério, o agricultor se encontrou com o reverendo britânico George H. Marshall, que esperava pacientemente a chegada do cortejo.

O motorista do velho Crossley Tender desligou o motor diante do portal, e em seguida seis oficiais ingleses, todos pilotos condecorados, levantaram cuidadosamente o caixão. Logo o apoiaram ao ombro e o conduziram a passos lentos em direção a uma cova individual. O reverendo recuou cerca de meio metro para dar passagem ao grupo, ao mesmo que tempo que dava início a uma solene oração, rogando a Deus pela alma daquele jovem militar. Vinte e cinco soldados australianos apresentaram suas armas e em seguida, efetuaram disparos em honra ao morto, enquanto uma linha de oficiais passava diante da tumba, apresentando as condolências. Apesar de todo o protocolo, o enterro daquele jovem oficial foi breve. Finalizada a cerimônia, um soldado britânico do 3º Esquadrão se aproximou da cova recém-assentada, cravando na terra ainda fofa uma cruz improvisada, feita com as pás da hélice de um avião RE.8, que tinha no centro uma placa de metal, cuja inscrição indicava o nome e a idade do falecido. Sobre a terra úmida que agora cobria o caixão foram depositadas três grandes coroas de flores de distintos regimentos da força aérea britânica, além de uma placa com o epitáfio: "Aqui jaz um valente, um nobre adversário e um verdadeiro homem de honra. Que descanse em paz." Justini constatava, comovido, o cuidado e o respeito que aqueles soldados prestavam a um homem recém-abatido e que parecia muito próximo a eles. Na realidade, aqueles soldados prestavam homenagem a um inimigo que inclusive matara mais de uma

centena de companheiros deles. Porém, tal como ficaria eternizado em seu epitáfio, tratava-se de um “nobre adversário”.

Assim terminava a épica história de Manfred von Richthofen, um cavaleiro do céu, considerado até hoje o maior piloto da aviação militar de todos os tempos. Apesar de ter-se passado quase um século desde que se presenciou pela primeira vez o uso de aviões como apoio nas batalhas terrestres, nenhum outro piloto conseguiu ofuscar a lenda criada em torno do Barão Vermelho. Ele era assim chamado por causa de sua origem aristocrática, mas sobretudo por uma curiosa razão: Richthofen era tão confiante na vitória e em suas habilidades que em determinado momento decidiu pintar seu avião com a chamativa cor vermelha brilhante, clara provocação para qualquer um que se atrevesse a derrubá-lo. Aqueles que tentaram caíram sob o fogo impiedoso de suas metralhadoras.

O começo da Primeira Guerra Mundial, no verão de 1914, catapultou a história de Richthofen. A “Grande Guerra”, como era conhecida na época, foi um conflito sangrento, cujas batalhas aconteciam entre trincheiras lamacentas e ensanguentadas por massacres até então inimagináveis numa sociedade tão cosmopolita como a europeia naqueles tempos. Todos os países envolvidos sofreram a perda de milhões de soldados, e os que conseguiram sobreviver voltaram para suas casas decepcionados, doentes e sem perspectivas. Estavam conscientes de que seus esforços pouco haviam valido para suas nações.

Somente um reduzido grupo de militares conseguiu escapar do fim anônimo que muitos tiveram, esquecidos em fossas comuns: os pilotos de combate, que representavam a imagem viva do mítico cavaleiro medieval. Eram invejados, mas com admiração, pelos seus camaradas que lutavam em terra. Esses homens, que em quase todos os casos tinham se apresentado voluntariamente para voar em máquinas ainda desconhecidas e pouco testadas, foram considerados verdadeiros heróis em seus países. A Grande Guerra foi o primeiro conflito da história a levar um militar a combater diretamente seu oponente no céu, corpo a corpo, avião contra avião, forjando um novo tipo de guerreiro. As batalhas aéreas eram extremamente perigosas e arriscadas. Por essa razão, uma esmagadora quantidade de pilotos não teve oportunidade de conquistar uma única vitória antes de ser derrubado mortalmente pelo inimigo. Com oitenta vitórias oficialmente a ele creditadas durante os vinte meses que lutou na Frente Ocidental,

Manfred von Richthofen se atreveu a desafiar todos os prognósticos daquela época brutal, convertendo-se, aos 25 anos, de em uma lenda viva.

Cada vitória conquistada por Richthofen foi celebrada pelos seus companheiros e reverberada pela propaganda alemã, mas também contribuiu na construção da trajetória de um jovem oficial da cavalaria prussiana que um dia decidiu subir a bordo de um avião para se transformar em mito. Conta a história que em algumas ocasiões Richthofen permitiu deliberadamente a fuga de muitos de seus oponentes que se encontravam impossibilitados de lutar, fosse por algum problema com as metralhadoras fosse por alguma avaria nos aviões. Sua missão era abater a aeronave, não o piloto. Consequentemente, muitas de suas vítimas sobreviveram para dar seu testemunho. Trata-se de um gesto com muito poucos precedentes na história militar, por mais que se romantizem as batalhas clássicas.

Envolvidos em um cenário inquietante, imprevisível e perigoso, começaremos a jornada de um cavaleiro que um dia decidiu abandonar as fronteiras para ganhar o céu e convertê-lo, pela primeira vez na história da humanidade, em novo e desconhecido cenário de guerra.

